



Correspondência aos autores

¹ Patricia Carvalho Pereira
E-mail: pcpereira1@ucs.br
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul, RS, Brasil
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/3294576132779889>

² Michel Bregolin
E-mail: mbregolin@ucs.br
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul, RS, Brasil
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/9175954108641268>

² Luciane Todeschini Ferreira
E-mail: ltferrei@ucs.br
Universidade de Caxias do Sul
Caxias do Sul, RS, Brasil
CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/1830986077334296>

Submitted: 20 abr. 2022

Accepted: 17 maio 2022

Published: 30 out. 2022

[doi: 10.20396/riesup.v10i00.8669066](https://doi.org/10.20396/riesup.v10i00.8669066)

e-location: e024016

ISSN 2446-9424

Checamo antiplágio



Distribuído sobre



Internacionalização do Ensino Superior: Restrições de Graduandos de uma Universidade Comunitária Brasileira à realização de Mobilidade Acadêmica Internacional

Patricia Carvalho Pereira <https://orcid.org/0000-0001-6337-3849>

Michel Bregolin <https://orcid.org/0000-0002-4050-7557>

Luciane Todeschini Ferreira <https://orcid.org/0000-0003-2190-2305>

RESUMO

Objetivo: Este artigo busca identificar fatores restritivos à realização de Mobilidade Acadêmica Internacional por acadêmicos da Área de Conhecimento de Ciências Sociais, considerando, para fins de análise, pesquisa realizada em uma universidade comunitária brasileira, aproximando os resultados obtidos a estudos realizados por outros pesquisadores. **Metodologia:** A pesquisa de caráter exploratório-descritivo teve, como técnica para coleta de dados, a aplicação de questionário *online*, com perguntas distribuídas em quatro seções assim constituídas a) perfil dos acadêmicos; b) conhecimento sobre o assunto abordado; c) interesse em realizar a mobilidade acadêmica internacional (MAI) e d) fatores que restringiriam a realização de MAI, totalizando 180 respondentes. **Resultados:** Após compilação, na análise dos dados, observou-se que entre os fatores restritivos predomina a falta de recursos financeiros (ou fatores associados), além da menção à barreira linguística. A falta de divulgação ou o desconhecimento de programas de MAI também foram apontados como restritivos. Nesse sentido, os resultados, no que tange a fatores restritivos, aproxima-se ao de outras pesquisas já realizadas. **Conclusão:** Nas considerações, em tom reflexivo, questiona-se sobre a eficácia de estratégias de comunicação entre as instituições e acadêmicos e sobre programas de mobilidade acadêmica virtual. Ainda, considera-se que entre os fatores restritivos há a existência de fatores emocionais, como o medo do desconhecido.

PALAVRAS-CHAVE:

Internacionalização de IES. Mobilidade acadêmica internacional. Fatores restritivos. Educação superior. Ciências Sociais.

Internationalization of Higher Education: Obstacles of Undergraduates from a Brazilian Community University to the Realization of International Academic Mobility

ABSTRACT

Objective: This article seeks to identify obstacles for the realization of Educational Exchange by academics in the Area of Knowledge of Social Sciences, considering, for analysis purposes, research conducted in a Brazilian community university, bringing the results obtained to studies conducted by other researchers. Methodologically, the exploratory-descriptive research had, as a technique for data collection, the application of an online questionnaire, with questions distributed in four sections thus constituted a) profile of the students; b) knowledge on the subject addressed; c) interest in achieving international academic mobility (MAI) and d) factors that would restrict the performance of MAI, totaling 180 respondents. **Results:** After compilation, in the analysis of the data, it was observed that among the restrictive factors the lack of financial resources (or associated factors) predominates, in addition to the mention of the language barrier. The lack of disclosure or lack of knowledge of MAI programs were also pointed out as obstacles. In this sense, the results, about restrictive factors, are close to other studies already conducted. **Conclusion:** In the considerations, in a reflexive tone, a question about the effectiveness of communication strategies between institutions and academics and about virtual academic mobility programs. Furthermore, it is considered that among the restrictive factors there are the existence of emotional factors, such as fear of the unknown.

KEYWORDS: Educational exchange. Student exchange. Obstacles. Higher education. Social Sciences.

Internacionalização de la Educación Superior: Restricciones de los Estudiantes de Pregrado de una Universidad Comunitaria Brasileña a la realización de la Movilidad Académica Internacional

RESUMEN

Objetivo: Ese artículo busca identificar factores restrictivos a la realización de Movilidad Académica Internacional por académicos del Área de Conocimiento de Ciencias Sociales, considerando, para efectos de análisis, pesquisa realizada en una universidad comunitaria brasileña, con enfoques de los obtenidos a estudios realizados por otros pesquisadores. Metodología: La pesquisa de carácter exploratorio-descriptivo ha tenido como técnica para recogida de datos, la aplicación de cuestionario *online*, con preguntas distribuidas en cuatro secciones constituidas por a) perfil de los académicos; b) conocimiento sobre los temas tratados; c) interés en realización de movilidad académica internacional (MAI) y d) factores restrictivos a la realización de MAI, totalizando 180 encuestados. **Resultados:** Después de compilación, en los análisis de datos, se observó que entre los factores restrictivos predomina la falta de recursos financieros (o factores asociados), además de la mención de la barrera del idioma. La falta de divulgación o el desconocimiento de los programas de MAI también fueron susodicho como restrictivos. En ese sentido, los resultados, con respecto a los factores restrictivos, se acerca de otros estudios ya realizados. **Conclusión:** En las consideraciones, en tono reflexivo, se cuestiona sobre la efectividad de las estrategias de comunicación entre instituciones y académicos y sobre los programas de movilidad académica virtual. Además, se considera que entre los factores restrictivos se encuentran la existencia de factores emocionales, como el miedo a lo desconocido.

PALABRAS CLAVE: Educación intercultural. Intercambio de estudiantes. Barrera. Enseñanza superior. Ciencias Sociales.

CRedit

- Reconhecimentos:** Não aplicável.
- Financiamento:** Este estudo foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível.
- Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- Aprovação ética:** Não aplicável.
- Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- Contribuições dos autores:** **Conceituação,** Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão & edição: Pereira, PC; Bregolin, M; Ferreira, L. T.

Editor de seção: Gildenir Carolino Santos

Introdução

O desejo de conhecer faz parte da própria natureza humana e, nesse sentido, deslocamentos (entendidos aqui não somente como físicos, mas igualmente psíquicos) podem ser considerados como movimentos para aprendizagens.

Instituições de ensino superior, nesse sentido, promovem espaços de aprendizagem e, para tanto, considerando seus próprios princípios, diretrizes e fundamentos, também buscam, nas parcerias interinstitucionais, abertura para que acadêmicos possam aprimorar seus estudos e experienciar novas culturas, considerando a internacionalização da educação como basilar.

Assim, acordos de cooperação entre instituições e aumento pela procura, entre acadêmicos, de programas de mobilidade internacional, como o registrado em 2019, quando o mercado brasileiro de educação internacional cresceu 5,86% (PESQUISA SELO BELTA, 2020), podem ser reflexos dessa internacionalização. Foram 386.000 brasileiros viajando para intercâmbio, em busca de especialização profissional, frequências em cursos de graduação e aperfeiçoamento de idiomas (PESQUISA SELO BELTA, 2020). Porém, em 2020, a pandemia da Covid-19 trouxe reduções desses movimentos.

Entretanto, mesmo com essa redução, não prevista, inegável, a mobilidade acadêmica internacional merece atenção especial por sua relevância na vida daqueles que realizam movimentos/deslocamentos dessa natureza; – os acordos de cooperação internacional de instituições de ensino superior preveem, entre as aprendizagens, ampliação de universo cultural, conhecimentos.

Assim, a busca pela internacionalização da Educação tem promovido, entre as Instituições de Ensino Superior (IES), o desenvolvimento de estratégias e parcerias para ampliação de suas fronteiras, proporcionando aos seus estudantes a participação em programas de mobilidade acadêmica internacional (PMAI) durante a formação superior.

Contudo, apesar do aumento da quantidade de convênios de colaboração internacional celebrados e, da crescente busca por programas dessa natureza, ainda em período anterior à pandemia, constatava-se um número reduzido de acadêmicos que aproveitavam as oportunidades ofertadas em Programas de Mobilidade Acadêmica Internacional de suas instituições de origem.

O presente artigo tem por objetivo identificar fatores restritivos à realização de Mobilidade Acadêmica Internacional pelos acadêmicos da Área de Conhecimento de Ciências Sociais, considerando, para fins de análise, pesquisa realizada em uma universidade comunitária brasileira, aproximando os resultados obtidos a estudos realizados anteriormente por outros pesquisadores.

Internacionalização da Educação e Mobilidade Acadêmica Internacional

Antecedentes históricos de Viagens do Conhecimento

Ao longo da história do Turismo, registra-se o movimento do homem, que sai em busca de algo, sendo que essa busca pode contemplar diferentes objetivos de viagem. O ser humano se desloca por questões religiosas, por saúde, para aprender, para se divertir. No bojo de qualquer deslocamento, independentemente das motivações que podem ser ditas ou registradas, tem-se o desejo humano de buscar, de ir ao encontro do desconhecido, do novo.

Em se considerando movimentos/deslocamentos cujo objetivo maior era o conhecimento, há de se considerar que eles são anteriores ao Turismo Moderno. Nesse contexto, Barretto (2000) comenta que, no século XVI, houve um período denominado por alguns historiógrafos por ‘barroco’, período em que se sobressaíam viagens para outros países realizadas por parte de jovens da classe nobre junto de seu tutor particular. Referindo-se ao mesmo período, Tosqui (2007) descreve essas viagens da seguinte maneira:

Os jovens filhos dos aristocratas deixavam as ilhas britânicas e viajavam para o continente europeu a fim de obter conhecimentos sobre cultura, artes, política e regras de trato social [...]. Havia dois circuitos principais: o *Petit Tour*, que correspondia a Paris e sudoeste da França, e o *Grand Tour*, que abrangia mais regiões de França, e depois passou a expandir-se para Roma, Florença, Amsterdã, Madri e outros centros políticos e culturais da Europa (TOSQUI, 2007, p. 36).

A essência das viagens era a busca pelo conhecimento, de novas experiências e culturas tendo como base a intenção de que os jovens retornassem do exterior com habilidades internacionais para exercerem funções profissionais e sociais com maior autonomia.

Da mesma forma, por volta do século XVII, surgiram viagens que tinham um propósito educacional. Conforme comentam Lickorish e Jenkins (2000):

O aumento gradual da riqueza, a extensão das classes de comerciantes e profissionais, os efeitos da Reforma e a secularização da educação estimularam o interesse por outros países e a aceitação da viagem em si como um elemento educacional. (LICKORISH; JENKINS, 2000, p. 21).

Nessa lógica, essas viagens, que se relacionavam a perspectivas primeiras de ensino, que visavam à ampliação de conhecimentos e às vivências em outros países até hoje constituem-se em práticas sociais, sendo reconhecidas atualmente como Turismo de Intercâmbio e Turismo Acadêmico.

Turismo de Intercâmbio e Turismo Acadêmico

O Turismo de Intercâmbio pode ser entendido como “[...] a realização de uma viagem ao exterior com o propósito de conhecer os costumes, tradições, tecnologias e o idioma de um país estrangeiro [...]” (DONÉ; GASTAL, 2012, p. 3). Nessa perspectiva, a tipologia Turismo de Intercâmbio relaciona-se a vivências e convivências interculturais, em que o aperfeiçoamento do idioma, o conhecer e viver costumes locais é o foco. O intercambista

adentra um espaço inicialmente desconhecido para ele, considerando as vivências que um país pode proporcionar. Embora haja exceções, há o objetivo de se integrar à cultura local, mergulhando em um espaço que é de um outro. Esses movimentos requerem disponibilidades mútuas para o acolhimento e sintetizam não somente a hospitalidade como as múltiplas aprendizagens possibilitadas.

Entre os antecedentes históricos desse tipo de turismo, há registros que “os primeiros países a realizarem intercâmbio foram os Estados Unidos e a Alemanha [...] visando, além da troca de informações e de experiências, promover a paz mundial, devido aos impactos da guerra” (TOMAZZONI; OLIVEIRA, 2013, p. 396). Nas trocas de experiências pessoais e na abertura concedida, a possibilidade de desenvolvimento social e perspectivas de contribuição para a harmonia mundial, já que há a oportunidade de surgimento de vínculos entre pessoas e instituições de diferentes países.

Consiste, pois, em um sempre desafio, já que o intercambista é aquele que se coloca à disposição para aprendizagens, coloca-se à disposição para adentrar em uma outra cultura que não a sua. Mas, como estrangeiro, provoca a comunidade para recebê-lo. As relações podem ser tensionadas, já que desafios de naturezas diversas se fazem presentes nas dinâmicas do encontro, dinâmicas essas que nem sempre são positivas ou superadas.

Nos movimentos de acolhimento, porém, ressalta-se que, quando há acolhimento genuíno, ambos, intercambista e moradores locais, modificam-se, aprendem – e esse movimento, característico da hospitalidade, pode ser considerado essencial para a própria cultura da paz: reconhecer no rosto do outro, do estrangeiro, a si mesmo. É um movimento dialético que pressupõe alternância de papéis na relação entre anfitrião e hóspede; acolhedor e acolhido.

Genericamente esses movimentos de sujeitos que buscam aperfeiçoamento profissional e pessoal, viajando para outro país por um tempo determinado, com objetivo de trocas interculturais são conhecidos, portanto, como Turismo de Intercâmbio. Registre-se, ainda que, dentre esses processos de mobilidade, há o denominado Turismo Acadêmico, que se caracteriza como

[...] todas as estadas de duração inferior a um ano, **realizadas nos centros de educação superior fora do país de residência habitual**. O objetivo principal da permanência seria a realização de cursos relacionados com uma carreira universitária e/ou a assistência a cursos de idiomas organizados pelos centros educativos. (PAWLOWSKA, 2011, p. 21, tradução nossa/grifo nosso)¹.

O Turismo Acadêmico, assim descrito, ocorre em instituições de ensino superior, sendo a realização de cursos universitários o principal motivo das viagens. Pawlowska (2011,

¹ “[...] todas las estancias de duración inferior a un año, realizadas en los centros de educación superior fuera del país de residencia habitual. El objetivo principal de la estancia sería la realización de cursos relacionados con una titulación universitaria y/o la asistencia a cursos de idiomas organizados por dichos centros educativos” (PAWLOWSKA, 2011, p. 21).

p.24, tradução nossa)² destaca ainda que “como consequência do fomento de diversos tipos de programas de mobilidade acadêmica, observa-se um progressivo crescimento da internacionalização do ensino universitário” e se identifica, assim, a relevância desses e a contribuição para o progresso da internacionalização no ensino intercultural. (PAWLOWSKA, 2011).

Para ocorrer a internacionalização das IES, efetivam-se parcerias e acordos de colaboração entre instituições de diferentes países. Conforme descreve Stallivieri (2004), este tipo de movimento teve suas origens na Idade Média:

O caráter internacional das universidades está presente desde a Idade Média com a criação das primeiras escolas europeias. A formação dessas escolas, chamadas de *universitas*, contava com professores e estudantes de diferentes regiões e países, apresentando, em sua constituição, comunidades internacionais que se reuniam em busca de um objetivo comum: o conhecimento (STALLIVIERI, 2004, p. 15).

Nesse sentido, é possível reiterar que movimentos que visam à aprendizagem e à troca de experiências interculturais estão presentes na história do homem. Stallivieri (2004) complementa seu estudo sobre internacionalização abordando o processo de cooperação como um estímulo para o aperfeiçoamento do ensino e da pesquisa, já que esses acordos de cooperação possibilitam deslocamento de estudantes para o exterior em busca do conhecimento para contribuir com o desenvolvimento dos países e da qualidade de vida das pessoas.

Com a maior facilidade para a realização de viagens internacionais, observa-se também a evolução dos programas governamentais e das instituições criadas com esse propósito. Nesse contexto, o Programa *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students (ERASMUS)* se destaca como referência mundial por sua amplitude e significância relacionada à mobilidade acadêmica internacional das IES (SEHNEM, 2018).

Registra-se também, que alguns programas estão colocando à disposição do acadêmico a mobilidade acadêmica virtual. Nesse tipo de programa o acadêmico pode participar de disciplinas que estão sendo ofertadas em instituições de outros países que não o seu de origem, de forma virtual. Exemplo disso é o *Collaborative Online International Learning* – (COIL), modalidade de ensino/aprendizagem criada na *The State University of New York (SUNY)* pelo professor Jon Robin em 2006 com o objetivo de apoiar o crescimento da aprendizagem colaborativa internacional *online* (UFSC, 2022). O COIL também busca oportunizar aos estudantes conhecimentos interculturais, sem necessidade de deslocamento físico para outros países, sendo primordial nesse tipo de mobilidade o acesso às tecnologias digitais de informação e conhecimento. Experiências como essas, já em curso, podem ser potencializadas - e assim o foram, de forma intensificada, durante o tempo da pandemia pelo Covid-19) – tornando-se uma forma interessante de mobilidade acadêmica. Porém, essa área requer maior aprofundamento teórico não sendo o escopo do trabalho reflexivo ora proposto.

² “Como consecuencia del fomento de diversos tipos de programas de intercambio se observa un progresivo crecimiento de la internacionalización de la enseñanza universitaria” (PAWLOWSKA, 2011, p. 24).

No caso da internacionalização das IES brasileiras, Justino (2009) apresenta que as primeiras Assessorias de Relações Internacionais nas Universidades Brasileiras (ARINTs) surgem em 1978, como unidades criadas para cuidarem exclusivamente das cooperações das universidades com IES no exterior, possibilitando a Mobilidade Acadêmica Internacional (MAI) que pode ser caracterizada como “um período de estudo, ensino e/ou pesquisa em um país diferente do local de residência do estudante, professor, pesquisador ou de gestores acadêmicos” (BRAGATO, 2015, p. 31). A MAI está diretamente relacionada ao processo de deslocamento e inserção de participantes no exterior com foco na educação internacional. Além disso, possibilita aos participantes, após o retorno ao país de origem, o aproveitamento de estudos cursados no exterior.

Nesse contexto, destaca-se como um marco referencial da mobilidade acadêmica internacional no Brasil, em 1988, o surgimento da Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI), tendo como objetivo promover o aperfeiçoamento do intercâmbio e contribuir com as cooperações internacionais de IES brasileiras (FAUBAI, 2022). Atualmente ela possui mais de 200 IES associadas que oportunizam acesso à educação internacional (FAUBAI, 2022).

O apoio dado a MAI por meio da criação de assessorias, de associações e de programas governamentais incentivou o crescimento da realização de intercâmbio por brasileiros nos últimos anos. Entre as principais referências da trajetória da MAI no Brasil, o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), criado pelo governo federal em 2011 e que, conforme dados disponibilizados no site oficial do programa, ele buscava, **por meio do intercâmbio e mobilidade acadêmica**, a expansão, consolidação e internacionalização da ciência e tecnologia. (BRASIL, 2022).

O Programa CsF contou, na época de sua criação, com o esforço conjunto de dois ministérios, o da Educação (MEC) e o da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC para possibilitar que alunos de graduação e pós-graduação realizassem estágio no exterior com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação. (BRASIL, 2022).

Porém, ele passou por diferentes transformações, como redução na oferta de bolsas e, a partir de 2017, sua abrangência ficou restrita a acadêmicos de programas de Pós-graduação. Atualmente, a Capes desenvolve novas estratégias para possibilitar experiências internacionais de estudantes como oferta de Bolsas de estudos no exterior, como os Programas CAPES-Brafitec, exclusivo para estudantes de Engenharia estudarem na França e Doutorados Sanduíches.

Considerando ainda a existência de setores exclusivos em IES para tratarem de assuntos interinstitucionais e internacionais, assim como programas de mobilidade acadêmica Internacional dessas ARINTs, além de oportunidades de bolsas de estudos existentes em parcerias como, por exemplo, via Programa Santander Universidades e Brafitec-Capes, a

procura por programas de internacionalização, por parte de acadêmicos, ainda não parece corresponder à oferta existente.

Há, pois, de se refletir sobre os fatores restritivos ao processo de mobilidade acadêmica internacional.

Fatores Restritivos à realização da Mobilidade Acadêmica Internacional (MAI)

As viagens de estudos historicamente constituem-se em oportunidades de desenvolvimento, de conhecimento e de aprendizagens para aqueles que, de certa forma, aventuram-se nesse tipo de experiência. Atualmente, universidades possibilitam que, via diferentes programas, cada vez mais estudantes tenham acesso à MAI. Porém, a despeito dessa realidade, se observa que a adesão aos programas ofertados, apesar dos avanços, ainda pode ser considerada pequena.

Alguns pesquisadores já buscaram compreender o porquê desse comportamento. Stallivieri (2009) realizou pesquisa para avaliar a relação entre rendimento e desempenho acadêmico, linguístico e intercultural à mobilidade acadêmica internacional. Para tal, contou com a participação de 69 graduando de uma Instituição de Ensino Superior, além de gestores e professores. Os resultados apontaram que um dos principais fatores que afetam o desempenho dos estudantes para a realização de mobilidade acadêmica internacional diz respeito à falta de proficiência em línguas estrangeiras, visto que ocasiona barreiras na comunicação, o que, via de regra, compromete a realização das atividades propostas em programas internacionais e seu consequente aproveitamento.

Na perspectiva de Braz (2015, p. 29), “[...] a restrição de recursos familiares dos estudantes e a falta de programas que forneçam bolsas de estudo com financiamento mais completo são fatores limitantes da ampliação da formação estudantil via mobilidade acadêmica [...]”. Desta forma, os principais fatores restritivos apresentados pela autora foram a limitação de recursos financeiros e a ausência de programas com bolsas de estudos para realização da mobilidade.

Maranhão, Dutra e Maranhão (2017) também identificaram alguns fatores que restringem a mobilidade acadêmica internacional no âmbito do Ensino Superior Brasileiro, apoiando-se em dados de pesquisa realizada com 42 acadêmicos de Administração de uma Instituição Federal de Ensino Superior em 2017. Os pesquisadores apontaram como os dois principais fatores restritivos para a Mobilidade Acadêmica o fator financeiro, 38%, seguido pela falta de oportunidade, com 29% de registros. Com 6% teve-se o registro de trabalho, falta de planejamento, falta de interesse, baixo coeficiente³. Falta de informação, falta de coragem e desconhecimento de idioma receberam menção por 3% dos entrevistados, respectivamente. Cabe registrar que na pesquisa de Maranhão, Dutra e Maranhão (2017), os

³ Motivo mencionado por alunos, cujo coeficiente foi tão baixo que não houve maior detalhamento dessa menção na pesquisa.

motivos pelo qual os alunos nunca fizeram mobilidade acadêmica foram registrados espontaneamente pelos respondentes por meio de perguntas abertas sobre o assunto.

Nos resultados da pesquisa, Maranhão, Dutra e Maranhão (2017) destacaram o baixo grau de conhecimento dos participantes sobre os Programas de Mobilidade Acadêmica Internacional oferecidos na instituição analisada. Para superação desses principais fatores, foram sugeridos pelos autores o estabelecimento de parcerias que oferecessem programas de financiamento aos acadêmicos destinados à MAI e a inserção de oficinas, palestras e ações desde o início do curso sobre o assunto e programas oferecidos.

Buscando contribuir para o entendimento sobre fatores restritivos à MAI, em 2020, realizou-se estudo junto a acadêmicos da Área de Conhecimento de Ciências Sociais de uma Instituição de Ensino Superior brasileira, de caráter comunitário, com o objetivo de identificar quais seriam os fatores restritivos daquele grupo.

Metodologia

Internacionalização e Mobilidade Acadêmica Internacional na UCS

A Universidade de Caxias do Sul (UCS), campo de investigação da presente pesquisa, é uma Instituição de Ensino Superior brasileira, privada e comunitária, com atuação direta no estado do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil. A internacionalização é considerada pela UCS um componente estratégico importante para cumprir sua missão institucional como universidade comunitária voltada ao desenvolvimento da Serra Gaúcha no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nesse contexto, conforme informa Stallivieri (2004), a UCS possui, desde 1996, uma Assessoria de Relações Internacionais (ARINT) diretamente ligada ao Gabinete do Reitor a qual tem por finalidade gerir as cooperações internacionais da universidade.

Em relação às origens da internacionalização da UCS, de acordo com o arquivo histórico da ARINT, localizam-se registros de parcerias internacionais anteriores à inauguração deste setor. Entre eles, apresenta-se um acordo de cooperação internacional assinado pela UCS com a Universidade de Veneza datado de 1981, no qual, inclusive, identifica-se a recepção na UCS de um professor italiano da área de turismo.

Ao longo do tempo, ainda tendo como referência o arquivo da ARINT, novas cooperações foram estabelecidas pela Universidade para oportunizar à comunidade acadêmica a realização de estudos e pesquisas no exterior, além da recepção de estudantes e professores de outros países. Conforme dados da UCS (2019a), a universidade possui atualmente mais de 200 parcerias com universidades de 28 países. É apoiado nelas que esse setor opera um Centro de Mobilidade Acadêmica Internacional (CMAI) que desenvolve programas de curta⁴

⁴ Programa UCS - Viagens do Conhecimento (de 10 até 15 dias).

e longa⁵ durações que possibilitam a experiência do ensino intercultural para a comunidade universitária (UCS, 2019b).

A universidade também oferece programas de apoio (bolsas com parceiros nacionais e internacionais, apoio no planejamento e orientação) aos estudantes para a realização de: a) MAI durante período que pode variar entre seis meses e um ano no exterior; b) missões acadêmicas cujas durações variam entre 10 e 15 dias, objetivando ambas a ampliação de conhecimentos. Além disso, o setor desenvolve a gestão de ações e projetos de programas Internacionais. Nas publicações realizadas pela ARINT, em seus canais de comunicação⁶, foram divulgadas bolsas de estudos, estágios, missões acadêmicas e eventos presenciais e *online* da ARINT para apresentar seus programas internacionais aos acadêmicos da UCS.

Apesar de contar com essa importante estrutura, o percentual de alunos da instituição participando de mobilidade internacional ainda é baixo. De acordo com Agnol (2020), a UCS possuía, em 2019, um total de 18.407 acadêmicos de graduação e pós-graduação. Segundos os dois editais do PMAI divulgados no mesmo ano pela ARINT, houve um total de 1.248 vagas⁷ ofertadas à graduandos da UCS, porém destas foram preenchidas apenas 149 (11,9%), conforme registrado no sistema CMAI (UCS, 2019c). É com o objetivo de compreender por que esse número de participantes se mostra reduzido frente às vagas ofertadas nos editais de mobilidade dessa instituição que se buscou conhecer os fatores restritivos à adesão de graduandos da área do conhecimento de Ciências Sociais do campus sede da Universidade de Caxias do Sul.

Processos Metodológicos

Na pesquisa, de caráter exploratório, com vistas à identificação dos fatores restritos à MAI do grupo selecionado⁸, aplicou-se, em 2020, questionário *online* aos graduandos da Área do Conhecimento de Ciências Sociais no Campus-Sede da Instituição analisada. O questionário contou com 15 perguntas sobre mobilidade acadêmica internacional, 13 fechadas e 2 abertas, que foram distribuídas em quatro seções: a) perfil dos acadêmicos; b) conhecimento sobre MAI; c) interesse em realizar a MAI e d) fatores restritivos à realização da MAI, quando os respondentes manifestavam interesse.

Salienta-se que, nessa etapa metodológica, houve validação das questões por meio de pré-testes. O primeiro pré-teste foi realizado no dia 28 de agosto de 2019, por meio da aplicação de questionário, durante o evento presencial “*Estudando Turismo em...*”, promoção conjunta da Coordenação e do Diretório Acadêmico do Curso de Bacharelado em Turismo. Na ocasião, conseguiu-se aplicar o questionário com 62,7% do total de acadêmicos matriculados no curso de Bacharelado em Turismo da UCS. Posteriormente, os resultados

⁵ Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional (PMAI) (de 180 até 360 dias).

⁶ Site institucional, Facebook e Instagram.

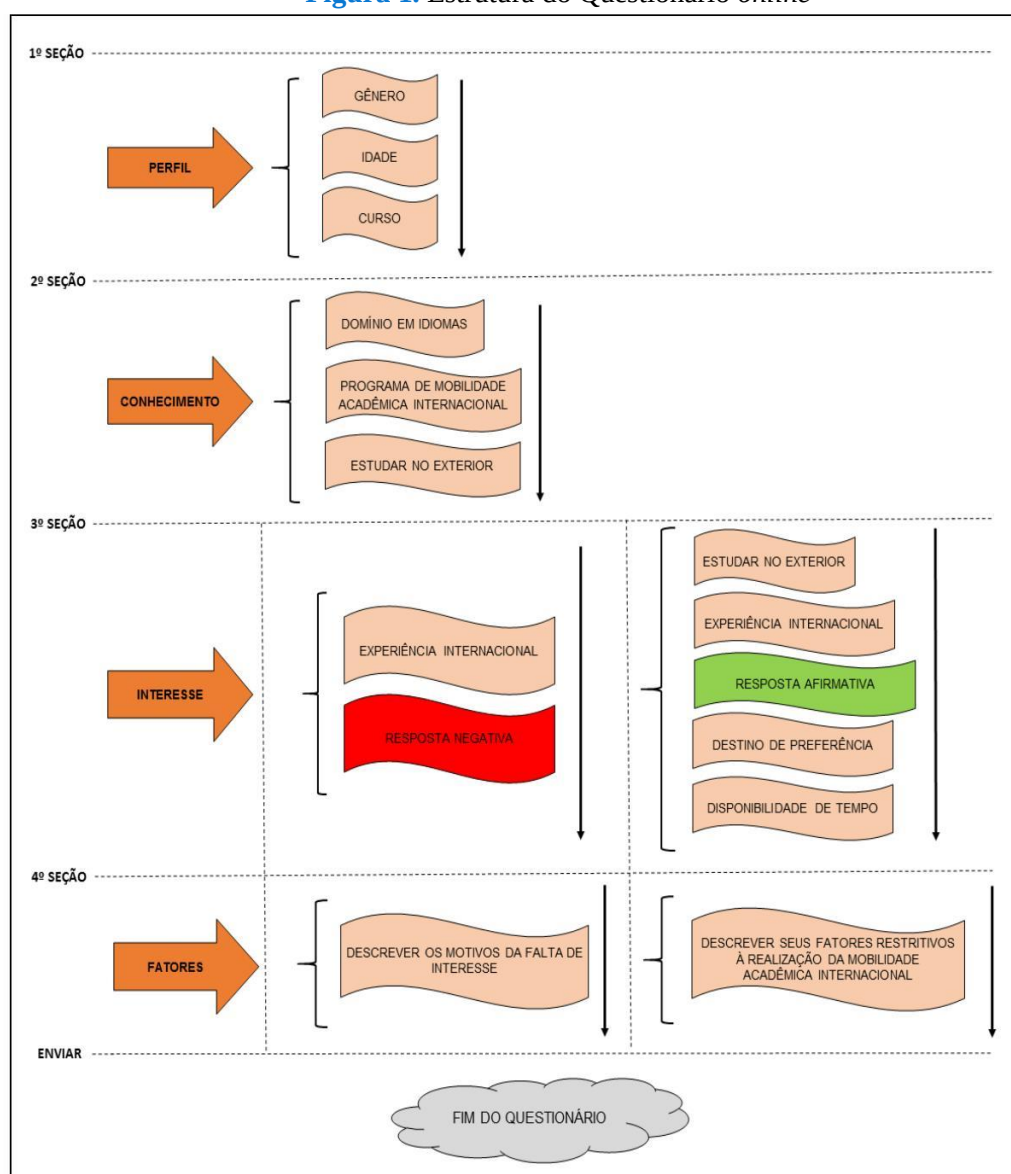
⁷ Cada um dos editais PMAI publicados em 2019 ofertou 8 vagas para cada um dos 78 cursos de Graduação da UCS, conforme disponibilidade das Universidades conveniadas em receber os acadêmicos (UCS, 2019d; UCS, 2019f).

⁸ A escolha desse grupo deve-se à proximidade de uma das pesquisadoras junto à Área de Conhecimento e, portanto, com acesso facilitado aos meios de comunicação junto a esses acadêmicos.

desse teste piloto foram apresentados e discutidos no 10º SEMINTUR JR⁹ (PEREIRA; BREGOLIN, 2019). Com base nas contribuições dos participantes do evento, o questionário foi revisado e ampliado.

O segundo pré-teste ocorreu em março de 2020 e foi realizado por meio da ferramenta *Google Forms* para um novo grupo de acadêmicos. De acordo com Heidemann *et al.* (2010), um dos maiores benefícios dessa ferramenta é a possibilidade de visualização dos resultados, que pode ser apresentada mediante planilhas, gráficos e resumo das respostas. Validado o instrumento, procedeu-se à sua aplicação, cuja estrutura apresenta-se, para fins elucidativos, na Figura 1.

Figura 1. Estrutura do Questionário online



Fonte: Pereira (2020).

⁹ Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul - UCS.

A aplicação do questionário validado ocorreu de 06 de abril a 06 de junho de 2020, e a coleta realizou-se de três formas: por meio de divulgação, via *e-mail*, efetuada pelos coordenadores dos cursos (102 respondentes); via grupos de *Whatsapp* dos Diretórios Acadêmicos dos cursos (40 respondentes) e via grupos do *Facebook* e *Instagram* mantidos pelos Diretórios Acadêmicos dos cursos, totalizando ao final da terceira etapa 180 respondentes. Os estudantes foram informados sobre a confidencialidade das respostas e que somente uma única participação por acadêmico seria autorizada, conforme controle realizado pela própria plataforma de coleta de dados. Também foi realizado o monitoramento constante dos dados coletados durante o período de coleta, certificando-se assim a funcionalidade da ferramenta durante o período.

Em relação às perguntas fechadas, foi possível, após a organização das respostas, identificar o perfil dos acadêmicos, seu conhecimento de um outro idioma que não a língua materna e sobre programas de mobilidade acadêmica e desejo de participar de algum.

Já, em relação às perguntas abertas, procedeu-se a organização das respostas inicialmente por nuvem de palavras. A técnica da nuvem de palavra, “[...] agrupa as palavras e as organiza graficamente em função da sua frequência” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 6), ou seja, as incidências mais frequentes junto aos entrevistados aparecem registradas por maior tamanho da palavra dentro da nuvem.

Para a elaboração das nuvens de palavras, foi utilizada a ferramenta *online* “*wordclouds.com*”, pois ela facilita a organização dos resultados obtidos com vistas à sua síntese. Aliou-se, à nuvem de palavras, a análise discursiva que “[...] busca, então, explicitar as razões pelas quais esse modo enunciativo se impõe, nesse momento, e quais efeitos de sentido produziram” (MARINHO, 2007, p. 176). Nessa perspectiva, os contextos de produção, as cenas enunciativas podem contribuir para o entendimento, em especial, dos fatores apontados como restritivos pelos acadêmicos analisados.

Resultados e Discussão

A partir da coleta e análise dos dados, em relação ao perfil dos respondentes, ao desejo de realização de MAI, ao conhecimento de idiomas e de programas de MAI, o grupo de participantes se caracterizou por ser predominantemente feminino (70,6% dos respondentes). Em relação à faixa etária, há maior equiparidade, pois 30% deles têm entre 18 a 21 anos; 26,7% de 22 a 24 anos e 21,7% encontra-se na faixa de 23 a 29 anos. Os 21,6% restantes ficaram diluídos entre as demais faixas etárias.

Conforme pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019), o público que apresenta maior interesse para a realização de viagens de estudos encontra-se na faixa entre 18 e 29 anos. E, de fato, o grupo de respondentes (aqui considerando a totalidade deles) também manifestou, em sua maioria, interesse por programas de mobilidade acadêmica (78,3%). Há, portanto, um grupo potencial na instituição foco da pesquisa disposto à realização de MAI. O registro fica para a quantidade de respondentes (novamente considerando a totalidade deles que manifestaram interesse em programas de

mobilidade acadêmica) que revelaram não conhecer a Assessoria de Relações Internacionais da instituição, bem como desconhecem os programas oferecidos pela instituição (59,4%).

Da totalidade de respondentes, 95,6% não participaram ainda de programas de MAI ofertados pela instituição e 70% dos acadêmicos revelaram não conhecer estudantes que já participaram de programas ofertados pela instituição.

Em relação ao momento em que os respondentes estavam em seus cursos, constatou-se que 39,4% deles estavam no final da Graduação, 38,9% na metade, enquanto 21,7% no início do curso. Novamente observa-se a existência de um público potencial, considerando os acadêmicos em início e meio de curso (60,6%), para a realização da MAI.

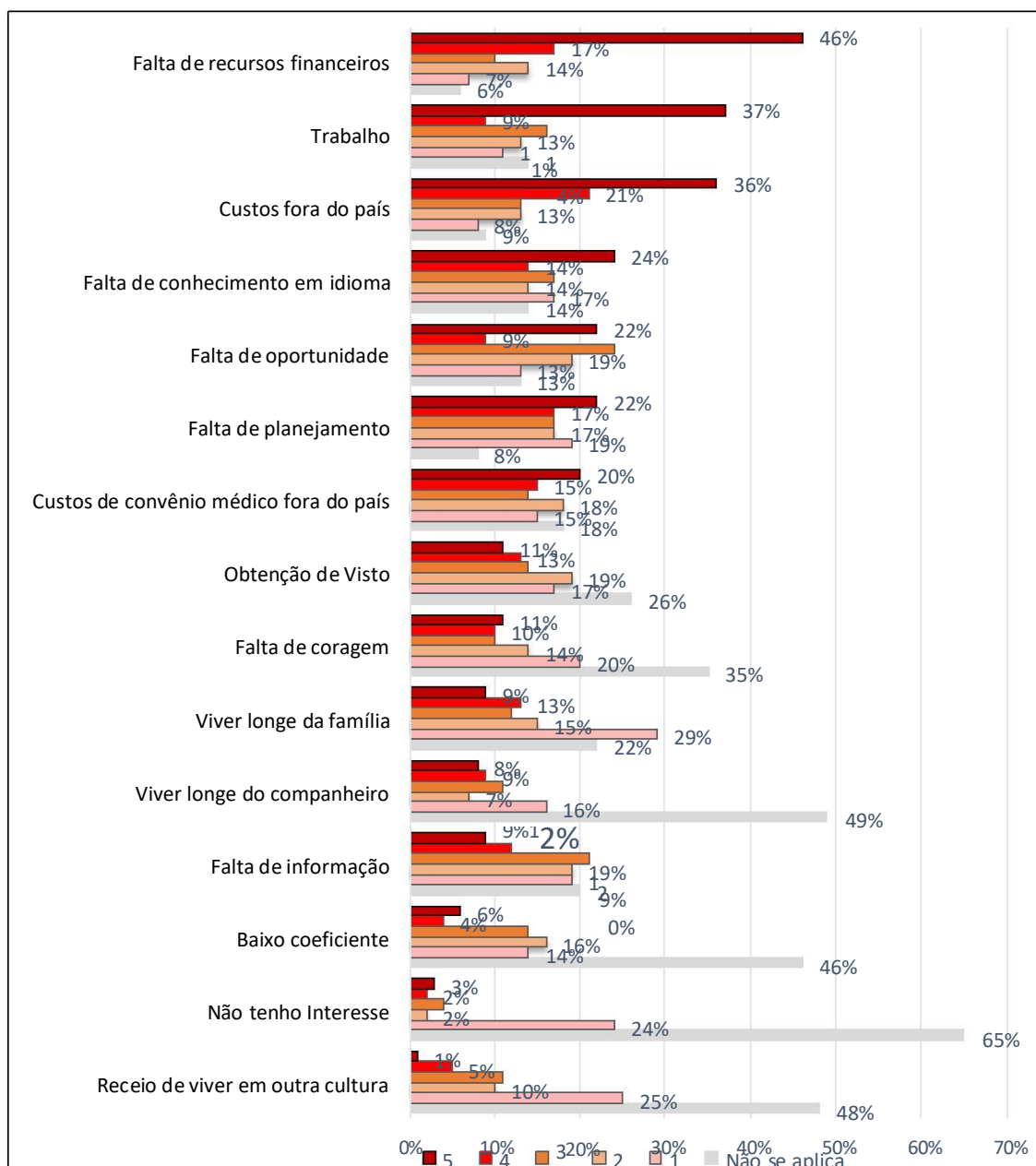
Em relação ao conhecimento de idiomas, conforme dados coletados, predominou o inglês (84%), seguido pelo espanhol (72%) e italiano (29%). Os idiomas alemão e francês apareceram em menor escala (7% e 4% respectivamente). Referente ao nível de conhecimento de idiomas, a grande maioria dos participantes identificou-se no nível Básico de conhecimentos: espanhol (56%), inglês (40%) e italiano (22%). Já, no nível Intermediário, prevaleceu o inglês (23%), seguido do espanhol (10%) e do italiano (5%). Observou-se ainda que o inglês possui participações nos níveis avançado e fluente (13% e 8% respectivamente). Nos demais idiomas referenciados na análise, os percentuais foram muito baixos. Com base nas respostas dos acadêmicos, observa-se que grande parte deles possui algum conhecimento linguístico de outro idioma, mas eles próprios referem esse conhecimento como básico. Os idiomas mais referenciados foram o inglês e o espanhol (que, coincidentemente, são aqueles ofertados na rede básica de ensino). São poucos os estudantes que se consideram fluentes em um segundo idioma.

Se existe interesse de graduandos pela MAI, se existem programas de MAI sendo ofertados pela instituição, por que há ainda tão poucos estudantes viajando e participando desses programas?

Fatores restritivos à realização da MAI na UCS e relações com estudos anteriores

Conforme apresentando anteriormente na constituição do perfil dos acadêmicos respondentes, dos 180 estudantes, 141 manifestaram interesse ou desejo de participar de algum programa de Mobilidade Acadêmica Internacional disponibilizado pela instituição. Tomando por base fatores restritivos já apontados pela pesquisa de Maranhão, Dutra e Maranhão (2017), solicitou-se que os acadêmicos identificassem, a partir de uma escala de 0 a 5, o grau de importância desses fatores no que tange a serem eles restritivos para a sua própria MAI, sendo que, na escala linear definida, 0 correspondia a ‘não se aplica’, 1 grau de ‘menor importância’ e 5 para de ‘grande importância’. Na questão aberta, solicitou-se se havia outros fatores que poderiam ser considerados restritivos para a MAI.

Os resultados, expressos no gráfico 1, consideram a classificação feita pelos acadêmicos, a partir da escala dada.

Gráfico 1. Motivos que impedem graduandos da UCS de realizar a MAI

Fonte: Pereira (2020).

De acordo com os dados apresentados no Gráfico 1, os cinco principais fatores restritivos mencionados pelos acadêmicos da UCS na escala de importância 5 foram: falta de recursos financeiros (46%), trabalho (37%), custo fora do país (36%), falta de conhecimentos em idiomas (24%) e falta de oportunidade (22%).

A falta de recursos financeiros apareceu em destaque como fator restritivo tanto na pesquisa realizada junto aos graduandos da UCS (2020), quanto na pesquisa de Maranhão, Dutra e Maranhão (2017). Embora não se tenha elaborado o perfil socioeconômico dos participantes, muitos estudantes precisam arcar com os custos de sua formação na graduação, mesmo considerando a existência de bolsas integrais ou parciais distribuídas. A realidade de trabalhar ser concomitante ao período de formação no ensino superior desses sujeitos explica

igualmente o segundo fator restritivo apontado: o trabalho. São estudantes que trabalham, ou trabalhadores que estudam? (e nesse trocadilho também se altera e se alterna a importância dada ao estudo e ao trabalho respectivamente). É possível entender o porquê a falta de recursos e a impossibilidade de sair do trabalho para permanecer algum tempo fora do país acabam aparecendo entre os principais fatores restritivos.

Na pesquisa de Maranhão, Dutra e Maranhão (2017), o segundo fator elencado foi a falta de oportunidade, com 29% dos registros. Para os acadêmicos da UCS, esse fator também foi significativo, registrando um percentual de 22% de respondentes que o classificaram na escala 05, ou seja, como ‘muito importante’. Os custos fora do país foram apontados por 36% dos respondentes, já na pesquisa de Maranhão, Dutra e Maranhão (2017) esse fator foi mencionado por 40% dos graduandos.

O idioma também surge como barreira restritiva. Contrariamente aos resultados expressos por Braz (2015) e Maranhão, Dutra e Maranhão (2017), os acadêmicos da Universidade de Caxias do Sul apontam a falta de maior conhecimento do idioma como um empecilho para a mobilidade acadêmica internacional. De fato, a língua é uma ponte para o acolhimento. Quando ela nos falta, o sujeito, que já está em um ambiente distinto e imerso em uma cultura diferente da sua, sente-se mais do que um estrangeiro, sente-se um estranho. Pela falta, o sujeito pode sentir-se fragilizado e, portanto, inseguro para adentrar em um espaço cultural e linguístico distinto ou até adverso do seu. Ou seja, na percepção do grupo de respondentes, o conhecimento (a nível básico) linguístico pode ser um fator restritivo à mobilidade. Nesse sentido, os achados investigativos dessa pesquisa reiteram os estudos anteriores de Stallivieri (2009) que já destacava que a falta de domínio de outros idiomas era um dos principais fatores que impediam acadêmicos na realização do ensino intercultural por causa da falta de proficiência em línguas estrangeiras. E parece que esse impeditivo ainda permanece presente, mesmo com um lapso de tempo de 10 anos.

Maranhão, Dutra e Maranhão (2017) também destacaram no seu estudo o baixo grau de conhecimento dos participantes sobre os Programas de Mobilidade Acadêmica Internacional oferecidos na instituição analisada, motivo de restrição que também teve destaque na pesquisa da UCS. Já a falta de incentivo pela universidade, a falta de divulgação do setor e gravidez foram motivos restritivos encontrados exclusivamente na pesquisa da UCS.

Com isso, percebe-se que há um descompasso na comunicação estabelecida entre os acadêmicos e o setor Internacional da Instituição, já que são desenvolvidas campanhas de divulgação dos programas de MAI da UCS periodicamente, porém um alto percentual dos respondentes ainda mencionou o desconhecimento de tais oportunidades, por outro lado estes não descreveram se também buscavam conhecê-las.

Além dos fatores identificados pelos Graduandos da UCS com base em estudos já realizados sobre o assunto, 14 participantes ainda descreveram outros motivos restritivos, dentre os quais destacaram-se a falta de oportunidade, a falta de informação, o conhecimento de idiomas, viver longe da família e a falta de divulgação do setor de mobilidade (Figura 2).

Na geração espontânea, alguns novos fatores restritivos foram apontados (gravidez e falta de divulgação e de incentivo), porém, observou-se a reiteração de fatores elencados em outras pesquisas, como questões financeiras e idiomáticas e ficar longe da família, conforme ilustrado na figura 2.

Figura 2. Frequência de Fatores Restritivos à realização da MAI citados



Fonte: Elaboração na plataforma *WordClouds.com* (2020).

A nuvem de palavras permite identificar que a maioria dos fatores restritivos elencados pelos participantes também foram os mesmos elencados por outros pesquisadores, sendo que a falta de recursos financeiros, oportunidades e divulgação foram os mais referenciados. Os principais motivos mencionados pelos alunos nessa etapa da pesquisa sobre os fatores restritivos à MAI foram: “*Falta de incentivo pela universidade, ainda mais em cursos pequenos*”; “[...] *o que mais impede mesmo, é a falta de informação sobre a Mobilidade Internacional, como ela funciona, onde eu leio mais sobre ela, [...]*”; “[...] *não obtenho contato com qualquer informação com o programa de Mobilidade*”; “[...] *Falta muito incentivo por parte da universidade!*”.

Após a análise dos dados descritos com os já mencionados na primeira etapa da pesquisa, identificou-se a necessidade de incluir três novos fatores restritivos: falta de incentivo pela universidade, falta de divulgação do setor e gravidez.

Conclusão

Fatores restritivos à realização de Mobilidade Acadêmica Internacional parecem orbitar, precipuamente, na esfera da economia: altos custos para estudar no exterior (considerando aqui também a variação cambial) e falta de recursos financeiros foram os fatores mais elencados tanto no estudo de Maranhão, Dutra e Maranhão (2017), quanto no de Pereira (2020). Inegável que essa barreira pode realmente ser restritiva à mobilidade, embora possa ser assinalado a existência de bolsas de estudos e alternativas de financiamento diferenciados para universitários. O que nos leva a reflexões para as quais faz-se necessidade de maior aprofundamento, mas que são registradas: seria a questão financeira a maior barreira restritiva para a MAI?

O grupo respondente, tanto nas pesquisas de Braz (2015); quanto de Maranhão, Dutra e Maranhão (2017) e de Pereira (2020) apontam para o desconhecimento de programas de mobilidade acadêmica ofertados por suas respectivas instituições. Mas há de se refletir sobre

os motivos desse desconhecimento: não buscam informações por que acreditam que não terão recursos disponíveis para a realização de MAI? Há falhas de comunicação entre os acadêmicos e as ARINTs? Os estudantes desconhecem a existência de bolsas de estudos exclusivas para a realização de MAI?

São questionamentos pertinentes, ainda mais quando se sabe que instituições de ensino superior – e a do estudo igualmente – possuem diferentes acordos de cooperação internacional. Ou seja, há oferta para a realização de mobilidade acadêmica internacional e igualmente pode haver bolsas de estudo para a mobilidade acadêmica. Porém, apesar desses questionamentos, não se descartam estudos que se voltem para a elaboração de estratégias e ações que visem ao aprimoramento da comunicação estabelecida entre instituições de ensino superior (e suas ARINTs) e acadêmicos.

Outro fator a destacar diz respeito a ainda barreira linguística. Embora não tenha aparecido entre os cinco principais motivos para a não adesão a programas de mobilidade, ela ainda persiste. Para a realização de programas de MAI, não raro, é exigido um certo conhecimento do idioma (algumas instituições até aplicam provas de proficiência). A língua é ponte para o encontro intercultural, para o acolhimento do estrangeiro que adentra um outro país, um outro espaço. Nesse sentido, ela se apresenta como um elemento que pode aproximar os diferentes. Não se trata aqui de se pensar que um sujeito precisa, para a realização de programas de MAI, ter ‘domínio’ do idioma. Trata-se, sim, de refletir sobre quanto um idioma pode ser ponte ou barreira para a realização de programas de MAI.

São vários os fatores restritivos apontados em diferentes pesquisas, sendo que aqueles associados a questões financeiras são os mais referenciados. Nesse sentido, para além dos programas disponibilizados, para além de bolsas de estudos, há de se considerar, entre outras alternativas, o surgimento de programas de mobilidade acadêmica virtual como o *Collaborative Online International Learning* – (COIL) Método de Aprendizagem Colaborativo Internacional Online (que não foram objeto das presentes reflexões), mas surgem como possibilidades de oportunizar experiências interculturais.

Os resultados da pesquisa proporcionam ampliação de horizontes para estudos futuros sobre Mobilidade Acadêmica Internacional, entre eles os que dizem respeito à própria atuação estratégica dos PMAI e da busca por outros fatores restritivos que possam estar atrelados não a fatores externos, mas sim ao medo do desconhecido. Outrossim, e considerando o cenário pandêmico atual, surge a necessidade de se refletir academicamente sobre mobilidade virtual e experiências internacionais em casa.

Referências

AGNOL, Jonas Miguel Dall` Universidade de Caxias do Sul. Central de Atendimento. **Informações para Trabalho Acadêmico UCS**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por atendimento@ucs.br em 05 jun. 2020.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2000.

BRAGATO, Cíntia Nunes. **Mobilidade acadêmica internacional**, razões da baixa mobilidade dos estudantes de colleges do Reino Unido. 2015. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Mestrado em Gestão Internacional, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.espm.br/bitstream/tede/35/1/Cintia%20Nunes%20Bragato.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ciências sem Fronteiras**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: <http://cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BRAZ, Raquel Leite. **O programa ANDIFES de mobilidade acadêmica: uma mobilidade estudantil no sistema federal de ensino superior brasileiro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, conhecimento e inclusão social, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3ELIDh6> . Acesso em: 15 set. 2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu Camargo; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3EEKD9C> Acesso em: 11 dez. 2019.

DONÉ, Patrícia Di; GASTAL, Susana. Intercâmbio: um Segmento Turístico Cultural, Educacional, Profissional e Humano. In: SEMINTUR: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 7, 2012, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/2013/37/2013_37_6900.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

FAUBAI – **Associação Brasileira de Educação Internacional**, 2019. Disponível em: <http://faubai.org.br/pt-br/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

HEIDEMANN, Leonardo Albuquerque; OLIVEIRA, Ângelo Mozart Medeiros de; VEIT, Eliane Ângela. **Ferramentas online para o ensino de ciências: uma proposta com o Google Docs**. Física na escola, v. 11, n. 2, 2010, p. 30-33.

JUSTINO, Elisa. Internacionalização das instituições de ensino superior: estratégia ou modismo. **E-Tech: Tecnologia para a Competitividade Industrial**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 38-60, 2ª, Sem., 2009. Disponível em: <http://etech.sc.senai.br/index.php/edicao01/article/view/116/57>. Acesso em: 16 out. 2019.

LINCKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de A.; DUTRA, Isadora Iannini; MARANHÃO, Roberto Kaehler de Albuquerque. Internacionalização do Ensino Superior: um estudo sobre barreiras e possibilidades. **Administração: ensino e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2017. DOI 10.13058/raep.2017.v18n1.458. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/458/pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MARINHO, Marildes. Currículos da escola brasileira: elementos para uma análise discursiva. **Revista Portuguesa de Educação**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 163-189, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v20n1/v20n1a07.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, INEP. **Censo de Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Ministério da Educação, Diretoria de Estatísticas Educacionais DEED, Estatísticas Censo da Educação Superior, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Ud9pTX>. Acesso em: 29 jun. 2020.

PAWLOWSKA, Ewa. **El turismo académico**: Un Análisis Económico para el caso de Galicia. edição digital. Santiago de Compostela: ISBN, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3Fd9CSI>. Acesso em: 09 jun. 2020.

PEREIRA, Patricia Carvalheiro; BREGOLIN, Michel. Fatores impeditivos à realização da Mobilidade Acadêmica Internacional em um Curso de Bacharelado em Turismo: o caso da Universidade de Caxias do Sul. In: **ENCONTRO SEMINTUR JR.**: Nas redes e tramas do Turismo, 10., 2019, Caxias do Sul. **Anais [...]** Caxias do Sul: UCS, 2019. p. 41-50. Disponível em: <https://bit.ly/3VyTikP>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PEREIRA, Patricia Carvalheiro. **Fatores restritivos à realização de mobilidade acadêmica internacional**: um estudo de caso com estudantes da área de ciências sociais da Universidade de Caxias do Sul campus sede. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Área do Conhecimento de Ciências Sociais, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020.

PESQUISA SELO BELTA, Brazilian Educational & Language Travel Association. **Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio (Belta) revela pesquisa anual com cerca de 5 mil estudantes e 500 agências**. Disponível em: <https://bit.ly/3ATOWwA>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SEHNEM, Paulo Roberto. **Os programas ERASMUS e Ciência sem Fronteiras como materialização da internacionalização universitária**. Joinville. In: Associação de Pesquisa e Extensão em Educação de Joinville (ed.) *Gestión de la gobernanza y la estrategia orientadas al desarrollo sustentable*. XVIII Colóquio Internacional de Gestión Universitaria [...] Joinville: APEEJ, 2018. p. 1-17. Disponível em: <https://bit.ly/3OMFvVA>. Acesso em 26 nov. 2021.

STALLIVIERI, Luciane. **Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 2009. Tese (Doutorado em Línguas Modernas) – Programa de Doutorado em Línguas Modernas, Universidad del Salvador, Buenos Aires, 2009.

TOMAZZONI, Edegar Luis; OLIVEIRA, Caroline Cunha de. Turismo de intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, v. 15, n. 3, p. 388–408, set./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056072007.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.

TOSQUI, Patrícia. Dialogando no Turismo. **Rosana**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 36-42, nov. 2007. Disponível em <https://bit.ly/3VfGEYg>. Acesso em: 30 set. 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Assessoria de Relações Internacionais. **Sobre o Programa UCS Internacional**. Caxias do Sul: UCS, 2019a. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/ucs-internacional/sobre/>. Acesso em: 11 set. 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Assessoria de Relações Internacionais. **PMAI - Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional**. Caxias do Sul: UCS, 2019b. Disponível em: <https://bit.ly/3VEas0y>. Acesso em: 11 set. 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Assessoria de Relações Internacionais. **Editais de inscrições para Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional – PMAI da Universidade de Caxias do Sul – UCS vagas para Graduação**. Caxias do Sul: UCS, 2019c. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Editais-PMAI-2019.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2020.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Universidade de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: UCS, 2019d. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/institucional/missao-e-principios/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Unidades Universitárias**. Caxias do Sul: UCS, 2019e. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/institucional/unidades-universitarias/>. Acesso em: 11 set. 2019.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **A Universidade hoje**. Caxias do Sul: UCS, 2019f. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/institucional/unidades-universitarias/>. Acesso em: 11 set. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Collaborative Online International Learning (COIL)**. Florianópolis: UFSC, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3u82lgP>. Acesso em: 8 abr. 2022.